

SUPER-HERÓIS, SERES INVISÍVEIS E SACERDOTES: A CONCEPÇÃO DO TRABALHO POLICIAL*

*Adriano Dias de Andrade***

RESUMO

Esta pesquisa supõe as metáforas como um fenômeno de pensamento, de língua(gem) e de ação, que se realiza como processos mentais, socialmente mediados, e discursivamente realizados. Toma-se como referencial teórico a linguística cognitiva e a noção de metáfora como a compreensão e a experiência de um fenômeno em termos de outro (Lakoff & Johnson, 1980, Lakoff, 1987). Explora-se essa perspectiva teórica para investigar como uma subcategoria cultural – *os policiais* – conceptualiza o seu trabalho, isto é, busca-se identificar, reconstruir e problematizar os conceitos metafóricos que esses sujeitos atualizam para a compreensão de sua prática profissional. Para tanto, toma-se como guia metodológico a Análise Sistemática de Metáforas (Schmitt, 2016, 2017) e inspira-se no protocolo de pesquisa utilizado por Guerrero e Villamil (2000, 2002). Participaram da pesquisa 20 policiais militares do Estado de Pernambuco. Os conceitos metafóricos mais salientes, que emergiram após análises, foram: POLICIAL É SUPER-HERÓI; POLICIAL É UM SER INVISÍVEL; e POLICIAL É SACERDOTE. Esses conceitos são metáforas concorrentes e têm diferentes implicações cognitivas para a compreensão do trabalho policial.

Palavras-chave: Conceito metafórico; Análise sistemática de metáforas; Trabalho policial.

ABSTRACT

In this research, we assume that metaphor is a phenomenon of thought, language and action; it is a mental process socially mediated and discursively realized. The basis for this analysis is Cognitive Linguistics and the notion of metaphor as the understanding and experience of one phenomenon in terms of another (Lakoff & Johnson, 1980, 1987). This theoretical perspective is explored to investigate how a cultural subcategory – *the police officers* – conceptualize their work, that is, we aim to identify, reconstruct and problematize the metaphorical concepts that these subjects update to understanding their professional practice. We used Systematic Metaphor Analysis (Schmitt, 2016, 2017) as a methodological guide and the research protocol tested by Guerrero and Villamil (2000, 2002). Twenty police officers from the State of Pernambuco participated in the survey. The most salient metaphorical concepts that we elicited were POLICE OFFICER IS A SUPERHERO; POLICE OFFICER IS AN INVISIBLE MAN; and POLICE OFFICER IS A PRIEST. These concepts are competing metaphors and have different cognitive implications to the understanding of the police work.

Keywords: Metaphorical concept; Systematic metaphors analysis; Police work.

* Trabalho desenvolvido no biênio 2017-2018, no âmbito do projeto sob minha liderança “Metáfora e Conhecimento Profissional: A Conceptualização do Trabalho Policial”, com o fomento do Programa Institucional de Iniciação Científica do Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP – Wyden), com a participação dos estudantes Igor Rudson Nascimento da Silva, Jonathan Yuri Villas Boas da Silva, Waldete Xavier de Souza e Sobral Antônio Anselmo, a quem agradeço pelas coletas de dados e pelas nossas reflexões no grupo de pesquisa. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNIFAVIP, CAAE nº 66714317.0.0000.5666.

** Revisor de textos da Editora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Docente do Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UNIFAVIP – Wyden, Caruaru, Pernambuco. Doutor em Letras (Linguística) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. E-mail: adrianoad@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

*Como pensamos metaforicamente importa*¹.

Lakoff & Johnson, 2003 [1980]

Conforme assumimos em trabalho anterior, a noção de metáfora como uma comparação implícita entre coisas de naturezas distintas, que se realiza ao nível da palavra ou da frase, está presente nos materiais didáticos pelos quais aprendemos e ensinamos (Andrade, 2016). Mas não é preciso recorrer ao saber institucionalizado para perceber que *uma* noção de metáfora perpassa, muitas vezes de modo explícito, os discursos cotidianos e, de fato, constitui o conhecimento enciclopédico que partilhamos. Como bem pontuou Berber Sardinha (2007, p. 168), as pessoas em geral têm consciência do uso comparativo da metáfora, “o que pouca gente se dá conta, entretanto, é que uma metáfora também nos faz entender e conceituar uma coisa pela outra”. Nesse sentido, pode-se afirmar que muito da compreensão que temos sobre nós, sobre *o outro* e sobre o mundo que reconstruímos cada vez que falamos é realizada metaforicamente. Isso, certamente, também se aplica à compreensão e à experiência das nossas atividades profissionais. De acordo com Schön (1979 *apud* Schmitt, 2016, p. 1), “as metáforas são elementos centrais no conhecimento profissional”. Portanto, ao analisarmos as metáforas utilizadas pelos sujeitos de determinado grupo profissional, é possível revelar conceitos que não apenas subjazem suas compreensões sobre o trabalho, mas constituem seu conhecimento de mundo e, possivelmente, direcionam suas ações. Esta pesquisa apresenta duas frentes de trabalho: *a reflexão sobre o trabalho policial e a reconstrução e análise de conceitos metafóricos que caracterizam o discurso de policiais sobre a sua atividade profissional*.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2017), o Brasil registrou, em 2016, 61.283 mortes violentas intencionais, o maior número já registrado no país. Além disso, segundo o levantamento, 453 policiais Civis e Militares foram vítimas de homicídio naquele ano; e 4.222 pessoas foram mortas em decorrências de intervenções da polícia. Esses dados nos mostram que estamos vivendo o período mais agudo de violência já registrado na história do país, com índices que superam conflitos civis e guerras, por exemplo. Nesse cenário, os policiais brasileiros são os que mais matam e, também, os que mais são mortos no mundo inteiro. Essa hecatombe social explica o recente interesse de trabalhos que investigam práticas de linguagem em contextos de violência (ver, por exemplo, Ferreira, 2013; e Andrade & Santiago Júnior, 2017) e, também, justifica a realização desta pesquisa.

Sobre o trabalho policial, Fraga (2006) explica que pode ser compreendido como valor simbólico de utilidade (o serviço oferecido à sociedade) e de troca (a precificação do seu trabalho pelo Estado). Além dessa leitura marxista clássica, essa categoria profissional tem sido frequentemente rotulada de arbitrária e truculenta, através de uma predicação metonímica, que se realiza quando lemos, ouvimos e vemos as constantes notícias e reportagens sobre ações policiais nas grandes cidades do país, como o Rio de Janeiro, por exemplo, quando indivíduos são flagrados em situações de desrespeito aos direitos humanos ou associados a práticas criminosas que deveriam coibir.

1 “How we think metaphorically matters”. Lakoff; Johnson, 2003 [1980], p. 243, tradução em epígrafe nossa.

Não há dúvida de que os policiais compõem uma categoria profissional definida em termos de rotinas institucionalizadas e de habilidades específicas, construídas ao longo da carreira e projetadas socialmente no imaginário social sobre a identidade desses sujeitos. No entanto, há delineamentos simbólicos que subjazem essa categoria profissional e que, muitas vezes, passam ao largo de reflexões acadêmico-científicas, como é o caso do fenômeno em tela neste trabalho: *a compreensão e a experiência do trabalho policial por meio de diferentes conceitos, de diferentes metáforas que competem para a conceptualização desses profissionais*. Nesse sentido, este trabalho vem ao encontro de uma lacuna de reflexão no campo de estudos sociais e linguísticos, em geral, e da linguística cognitiva, em especial, no que tange particularmente à análise dos padrões de linguagem e de pensamento que configuram o discurso e acompanham as ações desse importante grupo social.

1 METÁFORA, COGNIÇÃO E LINGUAGEM

Com o lançamento da clássica obra *Metaphors we live by*, em 1980, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson passaram a compor o rol de pensadores ocidentais, dos dois últimos milênios de nossa história, que veem a metáfora como um fenômeno (seja de pensamento, palavra, discurso ou ação) importante para nossa espécie, e que, portanto, merece ser estudado. A obra é hoje indispensável na linguística e nas ciências cognitivas quando se pretende falar do fenômeno em termos contemporâneos. É, portanto, bibliografia onipresente nas discussões teóricas e nos reportes publicados pelos periódicos mundo afora. No entanto, há uma premissa central na reflexão de Lakoff e Johnson (1980) que, muitas vezes, é tomada como dada nos estudos: *o caráter experiencial da linguagem*. Talvez isso se deva ao fato de os autores só tratarem mais detidamente sobre o tema nos capítulos finais da obra, que têm caráter mais filosófico e menos analítico; ou pelos estudos empreendidos pelos autores (em dupla ou sozinhos) depois de 1980 serem menos discutidos e referendados nas pesquisas, em comparação com *Metaphors we live by*. Neste trabalho, antes de mencionarmos brevemente os conceitos referentes à metáfora, que já são familiares para os pesquisadores em linguística cognitiva e áreas correlatas, gostaríamos de destacar a *experiência*, tão relevante para o fenômeno aqui em tela:

A ênfase [do experiencialismo] na interação e nas propriedades interacionais mostra como o significado é sempre significado *para* uma pessoa. E sua ênfase na construção da coerência via gestalts experienciais fornece uma explicação do que é significativo para um indivíduo. Além disso, [o experiencialismo] explica como a compreensão utiliza os recursos primários da imaginação, através da metáfora, e como é possível atribuir novo significado à experiência e criar novas realidades. (Lakoff & Johnson, 1980, p. 228, tradução nossa, destaque dos autores)².

2 “Its emphasis on interaction and interactional properties shows how meaning always is meaning *to* a person. And its emphasis on the construction of coherence via experiential gestalts provides an account of what it means for something to be significant to an individual. Moreover, it gives an account of how understanding uses the primary resources of the imagination via metaphor and how it is possible to give experience new meaning and to create new realities” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 228, destaque dos autores).

A experiência do mundo é atualizada na linguagem, ou seja, há um mundo exterior, além de nós, de nossos discursos; esse mundo é percebido através das nossas capacidades sensório-motoras, mas também através da interação com outros seres humanos que, como nós, agem no mundo com a lupa da cultura na qual somos forjados. Em outras palavras, é a experiência com o mundo, processo perpassado pela linguagem, que permite a compreensão, que, em boa medida, é estruturada por processos imaginativos, como a metáfora e a metonímia, e até por processos pré-linguísticos, como são as estruturas imagéticas de contêiner ou de origem-trajeto-meta (Lakoff, 1987), por exemplo.

De acordo com Lakoff & Johnson (1980), *a metáfora é a compreensão e a experiência de uma coisa em termos de outra*. Quando um policial militar diz que *ser policial é não ser visto*, por exemplo, ele está compreendendo o seu trabalho, está experienciando sua vida profissional, em termos de uma ausência física, de alguém que simplesmente é ignorado pela população e pelo Estado. Essa compreensão de si explicita uma angústia profissional que envolve questões relacionadas à precariedade do trabalho que esse indivíduo realiza. Para os autores:

O coração da metáfora é a inferência. A metáfora conceptual permite que inferências em um domínio sensório-motor (domínios de espaço e de objetos, por exemplo) sejam usadas para realizar inferências sobre outros domínios (domínios do julgamento subjetivo, com conceitos como intimidade, emoções, justiça etc., por exemplo). Nós pensamos metaforicamente; e as metáforas que usamos determinam muito da forma como vivemos nossas vidas. (Lakoff & Johnson (2003 [1980], p. 244, tradução nossa)³.

Para compreender-se como *um ser invisível*, o policial realiza inferências ou mapeamentos de um domínio cognitivo fonte (em geral experiencialmente mais concreto), *ser visto*, notado, para outro domínio cognitivo alvo da compreensão (geralmente mais abstrato), *ser policial*. Essas inferências de um domínio a outro são sempre parciais, isto é, nem todos os elementos que podem compor o domínio-fonte da *ausência física* são mapeados e correlacionados com todos os elementos do domínio-alvo. Em cada uso metafórico, há aspectos que são *realçados* e outros que são *encobertos*. “Ao nos permitir focar um aspecto [...], um conceito metafórico pode nos afastar de outros aspectos que são inconsistentes com a metáfora” (LAKOFF & JOHNSON (2003 [1980], p. 10, tradução nossa⁴).

O processo de reconstrução de metáforas conceptuais (modelos metafóricos ou conceitos metafóricos) ocorre por meio da identificação de *expressões linguísticas metafóricas* em uso num discurso, sob certos contornos contextuais ou *frames* interpretativos. Para ilustrar, é possível pensar na realização linguística de um enunciado como “eu sou invisível para as pessoas” dito (i) numa revista em quadrinhos, por uma personagem ficcional, em que a compreensão do enunciado se daria

3 “The heart of metaphor is inference. Conceptual metaphor allows inferences in sensory-motor domains (e.g., domains of space and objects) to be used to draw inferences about other domains (e.g., domains of subjective judgment, with concepts like intimacy, emotions, justice, and so on). Because we reason in terms of metaphor, the metaphors we use determine a great deal about how we live our lives”. (Lakoff & Johnson (2003 [1980], p. 244).

4 “In allowing us to focus on one aspect [...], a metaphorical concept can keep us from focusing on other aspects of the concept that are inconsistent with that metaphor”. (Lakoff & Johnson (2003 [1980], p. 10).

possivelmente em termos literais, ou (ii) numa conversa entre policiais, em que a compreensão se daria através de mapeamentos metafóricos. A compreensão da metáfora ou do efeito de literalidade é resultado de processos semânticos e pragmáticos complexos e envolve sempre atos enunciativos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, produzimos um protocolo de pesquisa baseado em Guerrero & Villamil (2000 e 2002) e seguimos as diretrizes metodológicas da Análise Sistemática de Metáforas, de Schmitt (2016, 2017), conforme detalhamos a seguir.

2.1 Os participantes, o *corpus* e o protocolo de pesquisa

Para a coleta de dados que compõem o *corpus* deste trabalho, convidamos 20 (vinte) policiais militares do estado de Pernambuco para formar o grupo de participantes. Primeiramente, cooptamos os policiais estudantes de graduações da própria Instituição promotora desta pesquisa. Em seguida, para encerrar o quantitativo estipulado, fizemos contato por escrito com delegacias e batalhões do Agreste pernambucano. Neste caso, primeiramente encaminhamos ofício para o delegado ou oficial responsável explicando os objetivos da pesquisa e garantindo o anonimato e o sigilo dos dados. Somente após recebimento das autorizações, procedemos o contato *in locus* com os policiais. O grupo de participantes tem feições heterogêneas, é composto por sujeitos de ambos os gêneros, entre 19 e 52 anos de idade, e com tempo de serviço que varia entre 1 a 28 anos de trabalho como policial, conforme ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos Participantes (*corpus* da pesquisa)

Participantes	Gênero	Média de Idade	Média de Tempo de Serviço
20	17 homens e 03 mulheres	35 anos	11 anos

Embora se possa admitir que o gênero, a idade e o tempo de serviço sejam delineamentos importantes na configuração das experiências de vida e, portanto, fatores que podem influenciar a aquisição de conceitos (metafóricos), consideramos que, devido à extensão do *corpus*, esses traços não são capazes de influenciar a reconstrução de conceitos específicos para cada uma dessas características sociais. Portanto, essas variáveis foram tomadas como constantes nas análises.

Os dados foram obtidos por meio de protocolo de pesquisa inspirado nos trabalhos de Guerrero & Villamil (2000 e 2002). Em sua pesquisa, as autoras investigaram como professores de inglês como segunda língua (ESL), de Porto Rico, conceptualizavam metaforicamente o seu trabalho docente. Guerrero & Villamil (2000 e 2002) coletaram seus dados através da realização de um workshop com um grupo de professores, no qual as autoras discutiam, através do uso de metáforas, crenças e pressuposições sobre o ensino de ESL. Para tanto, os participantes foram solicitados a completarem um formulário a partir da frase UM PROFESSOR DE ESL É COMO... Os participantes foram instruídos a responderem com uma metáfora original que melhor representasse como se viam enquanto professores de ESL. A seguir os participantes eram encaminhados a um processo

de desconstrução das metáforas escritas, a fim de identificar elementos como aluno, professor, processo de ensino etc. e, por fim, eram incentivados a compartilhar suas reflexões com o grupo (Guerrero & Villamil, 2002).

Inicialmente, havíamos planejado a execução desta pesquisa seguindo exatamente os mesmos moldes propostos por Guerrero & Villamil (2000 e 2002). No entanto, devido às especificidades do trabalho policial, logo na etapa exploratória, identificamos que não seria factível a realização de *workshop* por causa das diferentes escalas de trabalho dos participantes e por causa da resistência, justificável em termos do receio a represálias, em falar abertamente ao lado de pares sobre o que pensavam sobre a sua profissão. Assim, esta pesquisa se diferenciou dos procedimentos de Guerrero & Villamil (2000 e 2002) nos seguintes pontos: (i) os protocolos foram respondidos individualmente pelos policiais; (ii) nós orientamos que eles escrevessem o que melhor representasse o seu trabalho, mas, no entanto, não falamos de metáfora, isto é, não explicitamos que eles deveriam escrever uma metáfora; (iii) após responderem ao comando, nós pedíamos para que os participantes falassem um pouco mais sobre suas respostas, com perguntas de incentivo ao desenvolvimento do que haviam escrito, tais como “O que você quis dizer com isso?; Você poderia falar um pouco mais sobre esse aspecto? Etc.”; (iv) os momentos de desconstruções das metáforas foram gravados em áudio com anuência dos participantes.

Dessa maneira, os participantes foram solicitados a completar, na quantidade de linhas que quisessem, o seguinte enunciado: SER POLICIAL É COMO..., conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1 – Protocolo de Pesquisa (*corpus* da pesquisa).

Participante Nº 2 Data: junho/2017	Protocolo da pesquisa: A conceptualização do trabalho policial Responsável: Prof. Dr. Adriano Dias de Andrade
Nome: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX Idade: 30 anos Corporação: Polícia Militar de Pernambuco Tempo de serviço: 6 anos Gênero: Masculino	
Por favor, pense no trabalho que você realiza e complete a frase abaixo com as palavras que, na sua opinião, melhor lhe definem:	
SER POLICIAL É COMO <i>ser fundamental para a ordem pública e não ser "visto", ou ser "visto" pois estamos ostensivamente, mais não ser reconhecido, pelo que desempenhamos. É ser amado por nossos familiares, e odiado por quem o protegemos, mesmo assim é ser herói, para pequenas crianças que nos acenam. enfim é ser humano dentro de uma farda.</i>	

Os dados foram coletados no período de abril de 2017 a setembro de 2018. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNIFAVIP Wyden, Caruaru, Pernambuco, CAAE nº 66714317.0.0000.5666, e observa as recomendações éticas previstas na legislação vigente. Neste trabalho, detemo-nos às análises dos protocolos escritos pelos participantes.

2.2 Análise sistemática de metáforas

Para a realização desta pesquisa, adotamos o método de pesquisa Análise Sistemática de Metáforas (ASM), desenvolvido por Rudolf Schmitt (2016, 2017). A ASM objetiva a reconstrução de modelos de pensamento, linguagem e ação, conciliando fatores recíprocos na relação entre subjetividade e procedimentos metodológicos. Esta metodologia se baseia nos achados da Linguística Cognitiva de Lakoff & Johnson (1980, Lakoff, 1987), acrescentando procedimentos para a reconstrução sistemática de modelos metafóricos. ASM supõe que regras práticas para a coleta de material e procedimentos para o processamento não impõem barreiras ao pesquisador, mas convidam-nos à descoberta de vários conceitos metafóricos de pensamento, sentimento e ação, os quais são, então, tecidos em interpretações multifacetadas e apresentadas de uma maneira compreensível e convincente (Schmitt, 2017). Para tanto, propõe 7 etapas de pesquisa: 1. *Identificação do fenômeno alvo e do problema de pesquisa*; 2. *Coleta de metáforas de base cultural sobre o fenômeno; análise das metáforas do pesquisador*; 3. *Amostra de materiais no sentido da amostragem teórica*; 4. *Análise sistemática de metáforas subculturais / individuais*; 5. *Interpretação com a ajuda da heurística*; 6. *Garantia de confiabilidade*; 7. *Apresentação de resultados*.

Schmitt (2017) propõe, com a ASM, a reunião de procedimentos que muitos pesquisadores, de forma parcial e fragmentada, já adotam em suas investigações. A inovação do autor consiste em sistematizar, testar e registrar esses estágios de pesquisa, que conferem maior rigor metodológico nos trabalhos empreendidos em linguística cognitiva ou áreas afins em que a metáfora é objeto de análise.

Os trechos e as expressões linguísticas metafóricas analisados nas próximas seções estão reproduzidos de forma idêntica à grafada pelos participantes, respeitando-se, por exemplo, a ortografia e a sintaxe produzidas nos protocolos. Usaremos a notação P1, P2, P3...P20 para referir os participantes; em que P significa “participante” e a numeração diz respeito à cronologia em ordem crescente de participação.

3 ANÁLISE DO CORPUS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com as análises dos protocolos respondidos pelos policiais, obtivemos 30 (trinta) trechos em que identificamos a instanciamento de expressões metafóricas. A partir dessas instanciações, pudemos reconstruir 6 (seis) conceitos metafóricos, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Conceitos Metafóricos

Conceito Metafórico	Quantidade de Expressões Metafóricas Identificadas	Representação no <i>Corpus</i>
POLICIAL É SUPER-HERÓI	10	33,3%
POLICIAL É UM SER INVISÍVEL	8	26,67%
POLICIAL É SACERDOTE	7	23,3%
POLICIAL É GERENCIADOR DE CONFLITOS	2	6,7%
POLICIAL É PRESTADOR DE SERVIÇOS	1	3,3%
POLICIAL É PAI [DA POPULAÇÃO]	1	3,3%

Mais de 80% das expressões metafóricas identificadas no *corpus* evocam apenas 3 (três) conceitos metafóricos, pelos quais os participantes compreendem-se como *super-heróis*, *seres invisíveis* e *sacerdotes*. Esses conceitos metafóricos refletem as compreensões públicas que os policiais participantes da pesquisa têm de si, isto é, são as metáforas socialmente aceitáveis que este grupo profissional foi capaz de evocar numa situação formal de pesquisa. A seguir, discutiremos detidamente os três conceitos mais salientes.

4 ENTRE O BEM E O MAL: *POLICIAL É SUPER-HERÓI*

Devido à formação profissional e o caráter militar das polícias brasileiras, estruturada em patentes como soldado, tenente, coronel etc., seria de se esperar a instanciação de expressões metafóricas que evocassem *frames* de luta armada e de guerra. No entanto, embora tenha havido trechos em que fora mais difícil identificar a fronteira entre o domínio da guerra, em termos mais convencionais, e o domínio do super-herói, que extrapola as ações humanas realizadas num conflito bélico, as evidências nos levaram a reconstruir o conceito policial é super-herói, por causa da regularidade das expressões linguísticas instanciadas que evocaram *frames* de heroísmo.

Em metade dos trechos em que identificamos a instanciação metafórica do conceito *POLICIAL É SUPER-HERÓI*, houve a ocorrência de itens lexicais como “defesa”, “defender” ou “defensor”, como em “Defender a sociedade com o risco da própria vida” (P20). Embora bastante recorrentes em *frames* de guerra, esses itens não evocam, no *corpus*, uma compreensão do policial em termos de soldados comuns, ou melhor, em termos de soldados humanos. Os participantes, ao se referirem como defensores, parecem projetar a imagem de seres especiais, capazes de ações nobres e dotados de características sobre-humanas. Vejamos os seguintes exemplos:

“[...] Ser policial no Brasil é ser herói [...]” (P10)

“[...] É ser herói, para pequenas crianças que nos acenam. Enfim é ser humano dentro de uma farda” (P2)

“É está pronto para enfrentar o perigo, enquanto muitos correm do perigo, corremos de encontro a ele, é sair de casa sem saber se vai voltar pra defender uma sociedade [...]” (P4)

“Lutar por um amanhã melhor, é tentar fazer o seu melhor para defender pessoas que em muitos casos são as que mais lhe criticam” (P5)

“É sabe que somos a ultima defesa da sociedade entre o bem e o mau” (P7)

“O equilíbrio da sociedade entre o caos e a normalidade [...]” (P17)

Nessas instanciações, evoca-se a figura do herói, de forma geral, quando P10 resume sua fala dizendo que “ser policial é ser herói”; o herói clássico, isto é, aquele superior aos homens comuns, ao nível de semideuses, também é evocado quando P7 se coloca como “a última defesa entre o bem e o mal”; o herói moderno ou pós-moderno, aquele que duvida de sua vocação para o bem ou que equilibra sua humanidade contraditória com seus atos de heroísmo, também é encarnado na fala de P2, quando diz que ser policial é “ser humano dentro de uma farda”, numa relação metonímica entre a farda e o herói. Lima & Santos (2011), ao resumirem as representações do herói desde a Antiguidade, dizem que:

O herói sempre teve seu espaço garantido desde as lendas transmitidas oralmente de geração para geração, que influenciaram várias obras literárias, seja na ficção do cinema inspirada na maioria das vezes na própria literatura e também na vida real. Pode se dizer que o herói é aquele que conquista a admiração pelos seus feitos e sua coragem, e, além disso, ganha o afeto do seu povo pelo seu caráter. [...] Diante da injustiça e desigualdade social o ser humano passa por sofrimentos, e a partir daí continua a existir o desejo e a necessidade de heróis para proteger a população e combater o caos social. (LIMA & SANTOS, 2011, p. 1).

A necessidade de admiração do herói está suprida quando P2 diz que ser policial é ser herói “para as pequenas crianças”, que fascinadas lhe acenam. O herói é aquele que não teme a ameaça, que “está pronto para enfrentar o perigo”, enquanto muitos correm das intempéries da vida, o herói corre ao encontro delas, conforme P4 instancia. O herói, como os autores explicam, luta contra as injustiças sociais e impede que a sociedade entre em colapso. É também nesses termos que se compreendem os participantes, quando dizem que ser policial é “lutar por um amanhã melhor” (P5), ou seja, mediar um bem-estar social superior e não simplesmente enfrentar ou reprimir a criminalidade, ou quando se posicionam no limiar de forças antagônicas, como “o equilíbrio da sociedade entre o caos e a normalidade” (P17), numa instanciação realizada através do esquema de forças.

5 SEM RECONHECIMENTO: *POLICIAL É UM SER INVISÍVEL*

A segunda categoria mais prevalente no *corpus* foi a compreensão do policial em termos de um ser invisível. Essa instanciação não é positiva, isto é, o ser invisível não é aquele que tem superpoderes de invisibilidade para realizar seu trabalho, como uma espécie de herói cartunesco, mas é “simplesmente” alguém ignorado, não visto. Vejamos alguns exemplos:

“Ser policial é estar disposto a se arriscar [...] e nem ao menos receber um obrigado, [...] meu trabalho, ou minha presença só é bem vista, quando estão de fato precisando. [...] E raras as vezes reconhecem nossa presença necessária” (P1)

“[...] Não ser “visto”, ou ser “visto” pois estamos ostensivamente, mais não ser reconhecido [...]” (P2)

“[...] Não agrada a ninguém e que só é visto pelo mal quando erra” (P10).

A compreensão do policial como um ser invisível é reflexo das precárias condições de trabalho que o Estado oferece, o que engloba baixos salários, falta de contingente e sobrecarga de trabalho. Mas não se encerra no plano institucional. O conceito metafórico *POLICIAL É UM SER INVISÍVEL* promove a instanciação de expressões com valor argumentativo nos discursos dos participantes. Quando dizem que raras vezes sua presença é reconhecida (P1), que não são vistos ou são vistos, mas não reconhecidos, (P2) ou que apenas são notados quando erram (P10), os participantes queixam-se da sociedade a que servem, parecem usar o espaço que lhes é dado pela pesquisa para apelar pelo reconhecimento. É quase um pedido de socorro.

Embora a relação entre suicídio e trabalho policial ainda não seja estudada com maior profundidade no Brasil, tendo em vista a falta de dados mais confiáveis ou a subnotificação de casos, há estudos, como o de Nogueira (2005), que relacionam problemas de saúde, condições de trabalho e fatores sociais com a tentativa ou consumação do autoextermínio desse grupo profissional. Nogueira (2005) cita o *baixo reconhecimento do trabalho realizado pelo policial* como fator de risco (*apud* Miranda & Guimarães, 2016, p. 28). Concretamente, o risco relativo⁵ de mortes por suicídio de policiais militares é superior à média da população geral. Em 2009, no Rio de Janeiro, por exemplo, “o risco de morte por suicídio dos policiais militares chega a ser quase sete vezes superior ao da população geral” (MIRANDA, 2016, p. 30). Não se pretende com esses dados dizer que a instanciamento de expressões como as enunciadas por P1, P2 e P10 indicam um potencial risco de suicídio, pois a questão, certamente, é complexa e envolve diferentes fatores. No entanto, a falta de reconhecimento social implica a compreensão desses indivíduos como seres invisíveis, e não é uma inferência descabida dizer que esse conceito produz sentimentos depreciativos e expectativas negativas quanto à sua valorização profissional, nuances já discutidas na literatura especializada como fatores de risco à saúde desse grupo social.

6 UM PRESENTE DE DEUS: *POLICIAL É SACERDOTE*

O último conceito trazido à discussão também se relaciona com a experiência de condições de trabalho não-ideais. Em 7 (sete) dos 30 (trinta) trechos analisados, houve a instanciamento de expressões metafóricas que evocam o domínio da religião, com a figura do sacerdote ou missionário agenciada para a compreensão do trabalho policial, conforme se vê nos exemplos a seguir:

“[...] É como um sacerdócio (você tem que gostar muito). Profissão mui nobre e para poucos” (P3)

“É dar o melhor de si por amor à função e por vocação [...]” (P12)

“Um sacerdócio, é necessário ter vocação para o serviço [...]” (P13)

“[...] É um presente de Deus, é uma missão árdua mas prazerosa [...]” (P17).

Com essas expressões, os participantes deslocam a compreensão da profissão de uma esfera meramente capitalista, com a venda da mão de obra em troca de salário, para um nível mais sagrado de relação, que envolve a aceitação de um Deus criador que incute no seu servo uma missão. Esta compreensão é sintomática da precariedade e da falta de valorização profissional que envolve muitas classes de trabalhadores; não é uma exclusividade da compreensão do trabalho policial. É comum, por exemplo, ouvirmos que professores *têm a missão de educar* ou que *eles devem trabalhar por amor*. Ao discutir a dimensão missionária que é atribuída ao trabalho docente, Vasconcelos, Resque & Barros (2015) dizem que:

5 “O risco relativo calculado pela “ocupação policial” mensura quantas vezes o risco de morte de um policial por suicídio é maior ao de uma pessoa da população geral. Ele é calculado a partir da razão entre as taxas de suicídio da população policial militar (numerador) e as taxas de suicídio da população geral (denominador)”. (MIRANDA, 2016, p. 29).

A associação da docência como missão e relacionada com representações amorosas e altruístas da profissão está fortemente presente no discurso dos sujeitos. As representações aparecem relacionadas, em certa medida, a um caráter missionário, quase vocacional. (VASCONCELOS, RESQUE, BARROS, 2015, p. 23146).

A compreensão de uma profissão em termos de missão implica a reorganização conceptual dos valores atrelados a essas carreiras. Uma vez que se compreende sua profissão como “um sacerdócio” (P3 e P13), uma “vocação” (P12 e P13) e um “presente de Deus” (P17), as precárias condições de trabalho e o risco iminente de morte dos policiais passam a ser compreendidos como desígnios superiores que engrandecem a realização de uma missão realizada por amor.

Esse rearranjo conceptual, no entanto, apenas mascara a falta de investimentos do Estado e a atribuição social negativa que essas profissões encarnam. Parece, então, razoável supor que o conceito POLICIAL É SACERDOTE atua como numa espécie de compensação psicológica para a compreensão do trabalho policial. A concepção de si como “enviado dos céus” parece atenuar, pelos menos ao nível conceptual e discursivo, os efeitos das condições inadequadas de trabalho sobre esses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, mostramos as evidências linguísticas que propiciaram a reconstrução de três conceitos metafóricos, três possibilidades distintas para a compreensão do trabalho policial. Esses conceitos não representam a totalidade da rede metafórica possível de ser reconstruída para o subgrupo social dos policiais militares pernambucanos; mas reflete as conceptualizações públicas dos participantes, isto é, reflete aquilo que os participantes foram capazes de enunciar numa situação de moderada vigilância, como é o caso de uma pesquisa. Isso, certamente, não significa que os dados não tenham validade cultural, mas implica a aceitação de que os achados aqui discutidos apenas caracterizam o grupo participante, sob os contornos desta investigação.

A pesquisa ainda requer outros desdobramentos: (i) a análise de protocolos de outros policiais, para ampliar o grupo de participantes, até que se atinja a saturação no *corpus*; (ii) a comparação dos conceitos encontrados com os conceitos de outros subgrupos sociais, dos próprios pesquisadores e de estudantes não-policiais, por exemplo; (iii) a comparação dos conceitos encontrados com conceitos reconstruídos a partir de discursos institucionais e acadêmico-científicos etc. Com esses aprofundamentos, teremos um retrato mais completo sobre a rede de conceitos metafóricos utilizada em nossa cultura para a compreensão do trabalho policial.

As análises aqui dispostas, embora circunscritas, descortinaram aspectos sociais importantes sobre a categoria profissional investigada. Os conceitos metafóricos POLICIAL É SUPER-HERÓI, POLICIAL É UM SER INVISÍVEL e POLICIAL É SACERDOTE são formas concorrentes de compreensão do trabalho policial, realçam e encobrem elementos distintos. Para cada um desses conceitos, é possível discutir acarretamentos pragmáticos, ou seja, é possível relacionar as ações aos padrões de pensamento reconstruídos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano Dias de. As metáforas em manuais didáticos do Ensino Médio. **Veredas FAVIP** (Online), v. 9, p. 83-97, 2016.

ANDRADE, Adriano Dias de; SANTIAGO JUNIOR, Rodolfo Jarbas Leal. “Tocando o terror”: a conceptualização metafórica da violência nos jornais de Caruaru (PE). **Letras em Revista** (UESPI), v. 8, p. 331-345, 2017.

BERBER SARDINHA, Tony. Análise de metáfora em corpora. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 52, p.167-199, jan./jun. 2007.

GUERRERO, María C. M. de; VILLAMIL, Olga S. Metaphorical conceptualizations of ESL teaching and learning. **Language Teaching Research**, 6(2), 2002, p. 95-120.

_____. Exploring ESL teachers’ roles through metaphor analysis. **TESOL Quarterly**, 34(2), 2000, p. 341-351.

FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017**. São Paulo: FBSP, 2017.

FERREIRA, Luciane Corrêa. Metáfora, futebol e violência em Minas Gerais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 261-272, jul. dez. 2013.

FRAGA, Cristina K. Peculiaridades do trabalho policial militar. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 6, ano V, p. 1-19, dez. 2006.

LIMA, José Rosamilton de; SANTOS, Ivanildo Oliveira dos. A trilha do herói: da Antiguidade à Modernidade. **Revista Desenredos**, ano III, n. 9, Teresina, Piauí, p. 1-15, abri.-jun. 2011.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. [With a new Afterword]. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

_____. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MIRANDA, Deyse (Org.). **Por que os policiais se matam?** Diagnóstico e prevenção do comportamento suicida na polícia militar do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2016.

MIRANDA, Deyse; GUIMARÃES, Tatiana. O Suicídio Policial: O que sabemos? **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 9, n. 1, p.13-34, 2016.

NOGUEIRA, GERALDA. E. G. **Análise de tentativas de autoextermínio entre policiais militares: Um estudo em saúde mental e trabalho**. Dissertação (mestrado), FFCH, UFMG, 2005.

SCHMITT, Rudolf. Metáforas no Serviço Social: um tipo específico de conhecimento profissional? (Tradução: Adriano Dias de Andrade). **Revista Investigações**, Vol. 29, nº 2, Julho/ 2016, p. 282-313.

_____. **Análise sistemática de metáforas**. Uma proposta metodológica. (Tradução de Adriano Dias de Andrade). Recife: Editora UFPE, 2017.

SCHÖN, D. A. **Generative metaphor**: A perspective on problem-setting in social policy. In:

ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 254-283.

VASCONCELOS, Sinaida Maria; RESQUE, Marciléa Serrão; BARROS, Maricilda Nazaré Raposo de. Ser professor: representação social e identidade Docente. In: EDUCERE – XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015, p. 23139-23150.

